



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

JESANA SÁ DAMASCENO

**DOCENTES UNIVERSITÁRIOS:
EXPECTATIVAS ACERCA DA APOSENTADORIA**

**CAJAZEIRAS - PB
2013**

JESANA SÁ DAMASCENO

**DOCENTES UNIVERSITÁRIOS:
EXPECTATIVAS ACERCA DA APOSENTADORIA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem, sob orientação da Prof^a. Dra. Francisca Bezerra de Oliveira.

CAJAZEIRAS – PB

2013



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096

D155d Damasceno, Jesana Sá
Docentes universitários: expectativas acerca da
aposentadoria./Jesana Sá Damasceno. Cajazeiras,
2013.
58f. : il.

Orientadora: Francisca Bezerra de Oliveira
Co-orientador: José Rômulo Feitosa Nogueira
Monografia (Graduação) – UFSCG/CFP

1. Aposentadoria. 2. Docentes Universitários. I.
Oliveira, Francisca Bezerra de. II. Nogueira,
Rômulo Feitosa. III. Título.

UFSCG/CFP/BS

CDU- 005.956-6: 378

JESANA SÁ DAMASCENO

**DOCENTES UNIVERSITÁRIOS:
EXPECTATIVAS ACERCA DA APOSENTADORIA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem, sob orientação da Prof^a. Dra. Francisca Bezerra de Oliveira.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Francisca Bezerra de Oliveira
Orientadora (UFCG)

Prof. Me. José Rômulo Feitosa Nogueira
Co-orientador (UFCG)

Prof.^a Esp. Edineide Nunes da Silva
Membro da Banca (UFCG/FSM)

*Dedico com o mais puro, singelo e incondicional
amor, aos meus sustentáculos nos momentos difíceis,
aqueles por quem faria tudo outra vez: minha mãe,
meu esposo e minha irmã.*

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CA. 12718 - D. D. AÍRA

AGRADECIMENTOS

Ao Criador e escritor de todas as histórias de vida, àquele que sabe o porquê de todas as coisas, Deus.

À minha mãe, guerreira e amiga, que enfrentou grandes dificuldades por minha criação e educação, sofreu, lutou e venceu, sendo hoje a responsável pela minha vitória.

Ao meu esposo, meu porto seguro e companheiro, por estar ao meu lado e não medir esforços para me ajudar, por ser tão paciente e suportar todas as minhas flutuações emocionais.

À minha irmã Jullyanne, por sempre acreditar em mim. As palavras são totalmente desnecessárias. Mesmo longe sinto a sua presença, a sua companhia.

À todos os membros da minha família que direta ou indiretamente contribuíram para que eu vencesse todos os obstáculos e ultrapassasse mais essa fase da minha vida.

Aos meus amigos, que sempre confiaram em mim e entenderam minha constante ausência em nosso ciclo social. Nos momentos de desânimo, vocês não sabem o quanto me alegravam e tornavam o meu fardo mais leve.

À minha orientadora, a qual caminhou ao meu lado, não apenas no decorrer deste trabalho, mas também ao longo de minha vivência acadêmica, me apresentando à esfera científica. A Doutora Francisca Bezerra, precursora da história do curso de Enfermagem da UFCG, campus Cajazeiras.

Ao meu co-orientador, Doutor Rômulo, pelo seu cuidado e dedicação, por sua relevante contribuição para a minha formação acadêmica e pessoal.

Aos meus colegas de sala que sempre elevaram minha auto-estima, quando eu dizia nada saber. Foi através de nossas divergências de pensamentos que crescemos. Obrigada por terem me acolhido.

Às minhas amigas Lidyane, Albaniza, Márcia Luana e Paula Frassinetti, companheiras de longas noites/dias de estudo, por cada vez que pensei em desistir de algo e vocês não permitiram. Por compartilharem comigo momentos difíceis, mas que nos levaram à um patamar mais elevado de conhecimento.

Aos docentes que participaram como sujeitos dessa pesquisa, pelo desimpedimento e atenção, por terem me disponibilizado tão ricos discursos e histórias de vida. Os senhores coloriram e deram vida a minha tela de pintura branca e inerte.

À todos que cruzaram meu caminho durante a minha jornada e que de forma direta ou indireta contribuíram para que meu sonho fosse realizado, e para que hoje com orgulho e muita gratidão pudesse dizer: sou enfermeira.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. Martin Luther King Jr.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê”. Arthur Schopenhauer

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas

CNS – Conselho Nacional de Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Aspectos sociais dos docentes universitários.....	27
TABELA 2 - Sensações dos servidores docentes ao pensar em aposentar-se.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Distribuição por Unidade Acadêmica.....	26
GRÁFICO 2 – Distribuição por sexo e por estado civil.....	28
GRÁFICO 3 – Distribuição por idade e por sexo.....	28
GRÁFICO 4 – Distribuição por renda familiar.....	29
GRÁFICO 5 – Distribuição por grau de titulação dos docentes.....	29
GRÁFICO 6 – Distribuição por sexo e por titulação.....	30
GRÁFICO 7 – Distribuição por tempo de exercício da docência.....	30
GRÁFICO 8 – Distribuição por tempo para aposentadoria.....	31

RESUMO

DAMASCENO, J. S. **DOCENTES UNIVERSITÁRIOS: EXPECTATIVAS ACERCA DA APOSENTADORIA** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2013.

A vida humana pode ser dividida em três etapas: a preparação para o trabalho, o trabalho e o pós-trabalho. O envolvimento, a satisfação e a importância reservada ao trabalho induzem maior comprometimento com a carreira, dificultando o desligamento do trabalho no período de aposentadoria. A conceitualização da aposentadoria muda de acordo com a concepção de cada pessoa, podendo ser compreendida como repouso e prêmio pelos anos de trabalho ou, como ameaça e castigo, que acarretam quebra de laços e inutilidade perante a sociedade. Destarte, objetivou-se conhecer as expectativas de docentes universitários em transição à aposentadoria acerca deste processo. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado com 20 docentes da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras, que encontram-se na transição à aposentadoria. Para coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado. Os dados foram processados e analisados através da análise de conteúdo. Diante de todas as constatações advindas desta pesquisa, podemos afirmar que o modo como cada docente enxerga a aposentadoria está intrinsecamente conexo ao modo como vive a sua própria vida, no que tange aos seus princípios e valores e as suas prioridades tanto no aspecto profissional como no pessoal. Através dos resultados encontrados podemos afirmar a importância da implantação de um Programa de Preparação para Aposentadoria na instituição, o qual favoreceria a reflexão e o planejamento dos docentes para essa nova etapa de vida.

Palavras-chave: Aposentadoria. Docentes. Expectativas.

ABSTRACT

DAMASCENO, J. S. **TEACHERS COLLEGE: EXPECTATIONS ABOUT RETIREMENT** 2013. Completion of course work (Undergraduate Nursing) – University Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2013.

Human life can be divided into three stages: preparation for work, work and post-work. Involvement, satisfaction and importance to the work reserved induce greater career commitment, hindering the shutdown work during retirement. The conceptualization of retirement changes according to the conception of each person, can be understood as rest and reward for years of work, or as a threat and punishment, which entail breaking ties and uselessness to society. Thus, it was aimed to meet the expectations of university teachers in transition to retirement about this process. This is a descriptive study with a qualitative approach, conducted with twenty teachers faculty of the Federal University of Campina Grande, campus Cajazeiras, lying in the transition to retirement. For data collection we used a semi-structured interview structured. The data were processed and analyzed using content analysis. Considering all the findings arising from this research, we can say that the way each teacher sees retirement is intrinsically related to the way you live your own life, in regard to its principles and values and priorities both in the professional and the personal. Through the results we can affirm the importance of implementing a Program Preparing for Retirement in the institution, which favor reflection and planning of teachers for this new stage of life.

Keywords: Retirement. Teachers. Expectations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 GERAL	14
2.2 ESPECÍFICOS	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1 O TRABALHO ENQUANTO CENTRO REGULADOR DA VIDA HUMANA.....	15
3.2 O ENVELHECIMENTO E A APOSENTADORIA.....	17
3.3 IMPLICAÇÕES DA APOSENTADORIA NA IDENTIDADE PESSOAL, SOCIAL E PROFISSIONAL.....	18
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	22
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	22
4.2 LOCAL DA PESQUISA.....	22
4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	23
4.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	23
4.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	24
4.6 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	24
4.7 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	25
4.8 ASPECTOS ÉTICOS.....	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS DOCENTES UNIVERSITÁRIOS.....	26
5.2 NÚCLEOS TEMÁTICOS.....	31
5.2.1 O significado do trabalho na vida dos docentes.....	31
5.2.2 Percepção dos docentes acerca da aposentadoria	36
5.2.3 Expectativas para o período de aposentadoria.....	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados.....	54
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	56
ANEXO – Declaração Institucional.....	58

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a forma como o ser humano entende e enxerga o seu trabalho sofreu diversas transformações. Houve uma ascensão do extremo sofrimento e tortura para uma concepção do trabalho como fonte de prazer e satisfação pessoal, chegando a ser conceitualizado como o centro da existência humana.

Aqueles que estão muito envolvidos vêm, no trabalho, sua própria definição. Tal situação é evidente quando as pessoas se conhecem e utilizam a profissão ou a empresa como início da apresentação (FRANÇA, 2009).

Dedica-se muito tempo ao trabalho, através do qual se organiza os horários e as demais atividades a serem realizadas. É comum que o trabalho seja priorizado de tal forma, que a família, os amigos e outras atividades sejam colocados como secundários.

Em nossa sociedade, o trabalho é mediador de integração social, seja pelo seu valor econômico, seja pelo aspecto cultural, tendo, assim, importância fundamental na constituição da subjetividade, no modo de vida e, portanto, na saúde física e mental das pessoas (MIRANDA et al., 2009).

O envolvimento, a satisfação e a importância reservada ao trabalho induzem conjuntamente maior comprometimento com a carreira, dificultando o desligamento do trabalho no período de aposentadoria. Nesse contexto a palavra aposentadoria soa desagradável e frustrante para muitos profissionais no final da carreira (CUNHA et al., 2004).

A vida humana é compreendida como sendo dividida em três grandes etapas: a preparação para o trabalho, o trabalho e o pós-trabalho. Com os atuais avanços da Ciência e com a melhoria da qualidade de vida da população, os índices de longevidade estão aumentando e o período pós-aposentadoria está ficando a cada dia mais extenso, precisando ser preenchido por outras ocupações para evitar a ociosidade.

A conceitualização da aposentadoria muda de acordo com as diferentes concepções de cada pessoa, podendo ser compreendida como repouso e prêmio pelos anos de trabalho ou, como ameaça e castigo que acarretam quebra de laços e inutilidade perante a sociedade. Muitas pessoas veem o aposentado como um ser improdutivo, e este por vezes, é rejeitado e desprezado.

Atualmente, o tema aposentadoria vem se tornando um assunto desafiante para os países desenvolvidos ou em desenvolvimento, tendo em vista o crescimento populacional de

idosos no mundo. Entretanto, cabe enfatizar que a aposentadoria nem sempre está associada ao envelhecimento, muitos a confundem, pois em alguns contratos previdenciários ela pode coincidir com o que, cronologicamente, é definido como marco do envelhecimento, 65 anos.

A maioria das pessoas tem sua vida, tanto no aspecto pessoal como no social, vinculada ao trabalho ou a instituição a qual pertence. Dessa forma, a aposentadoria pode ser visualizada como uma ruptura de laços, quebra de rotina, mudanças na dinâmica familiar, perda de status e do padrão de vida, podendo acarretar em diversos efeitos maléficos para a vida do indivíduo.

Esse estudo nasceu do interesse em compreender como os docentes universitários que estão para se aposentar enfrentam o processo que antecede a aposentadoria e o significado desta para eles.

Estes profissionais, em sua maioria, por estarem se aproximando do período estimado para a aposentadoria, estão ocupando suas funções há um tempo considerável e podem ter dificuldades para se desligar do trabalho; podem apresentar diversas reações com a sua chegada, pois o enfrentamento pode ser diferente nos diversos sujeitos; alguns indivíduos podem não aceitar a aposentadoria, enquanto outros podem muito desejá-la.

Por ser uma situação emergente, ainda são desconhecidos e imprevisíveis os comportamentos dos trabalhadores e das organizações diante da aposentadoria. Torna-se, portanto necessário conhecer a percepção e as expectativas desses sujeitos acerca desse tema, levando em consideração que o período da aposentadoria pode trazer consigo, além do repouso e do tempo livre, outras situações, como ociosidade, frustração, sentimento de impotência, depressão, e isso dependerá da forma pela qual o trabalhador enfrentará essa transição. Esse conhecimento pode contribuir para que as instituições e sociedades saibam lidar com esse desafio.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Conhecer as expectativas dos docentes universitários em transição à aposentadoria acerca deste processo.

2.2 ESPECÍFICOS

- Identificar o significado do trabalho para os docentes;
- Descrever a percepção dos mesmos quanto ao processo de aposentadoria;
- Apontar os aspectos emocionais envolvidos com o pensar em aposentar-se.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O TRABALHO ENQUANTO CENTRO REGULADOR DA VIDA HUMANA

Sigmund Freud foi questionado certa vez, sobre o que, em sua opinião, uma pessoa normal deveria ser capaz de fazer bem. Ele teria respondido: “Liebem umd arbeiten” (“amar e trabalhar”). Ele acreditava que a família supriria as necessidades referentes ao amor e que o trabalho possibilita a criação de vínculo do ser humano com a realidade mais que qualquer outro aspecto da vida humana.

Do ponto de vista etimológico, a palavra “trabalhar” tem origem no latim vulgar *tripaliare*, significando torturar, e é derivada do latim clássico *tripalium*, um instrumento de tortura (TARCITANO; GUIMARÃES, 2004). No português, esse verbo possui duas significações: a de realizar uma obra que gere reconhecimento social e a de esforço repetitivo e sem liberdade, de resultado consumível e esforço inevitável (ZANELLI, 2001).

A palavra trabalho que sempre fora associada à fadiga, tortura, esforço repetitivo, sofrimento e encargo, ganha, com a consolidação do modelo capitalista, uma nova roupagem, passando a expressar sua ascensão como a mais valorizada das atividades humanas. De acordo com Hanna Arendt (1981, p. 113), o trabalho ascendeu:

(...) da mais humilde e desprezível posição à mais alta categoria, como a mais estimada de todas as atividades humanas, (que) começou quando Locke descobriu que é a fonte de toda a propriedade; prosseguiu quando Adam Smith afirmou que era fonte de toda a riqueza, e atingiu seu clímax em Marx quando o trabalho passou a ser a origem de toda a produtividade e a expressão da própria humanidade do homem.

Considerando o homem como ser ativo, o trabalho é a expressão das capacidades físicas e mentais, onde o homem deve se desenvolver e se aperfeiçoar. Nesse sentido, o trabalho não se constitui apenas um fim para a produção de mercadorias, mas também uma forma de solidariedade social e auto-realização pessoal (HIRSCH, 2005).

O trabalho é resultado, segundo Marx (1980), de uma inter-relação entre homem e natureza, onde o primeiro, por suas ações, regula e controla o segundo. Neste processo, o homem se apropria de recursos naturais, imprimindo uma forma útil ao ser humano, o qual impõe mudanças tanto na natureza do homem quanto na natureza em si. O homem quando age sobre o mundo exterior, modifica-o e modifica a si mesmo.

Na sociedade moderna, dedicamos a maior parte de nosso tempo ao trabalho, o qual coloca-se como principal atividade do homem, visto que o norteia, integrando a sua identidade (FREAZA, 2010). Este não é somente uma forma de ganhar dinheiro, ele está associado a status, à identidade de cada um, à distancia da morte (BOTTON, 2009).

Tolfo e Piccinini (2007) apontam que resultados de pesquisas brasileiras e estrangeiras, demonstram que o trabalho ainda permanece sendo central, do ponto de vista sociológico e psicológico, para os trabalhadores, cabendo destacar que essa centralidade foi identificada tanto entre trabalhadores que desenvolvem atividades mais intelectualizadas, quanto entre aqueles sujeitos a atividades insalubres (MORIN et al., 2007; OLIVEIRA et al., 2004 apud TOLFO e PICCININI, 2007; D'ACRI, 2003, apud TOLFO e PICCININI, 2007).

Lins de Barros (2006) sugere que as pessoas têm o trabalho e a vida profissional como uma das principais áreas de sua vida. O trabalho desempenha importante papel para os indivíduos, constituindo-se como característica central e definidora da vida dos mesmos, incluindo a identidade pessoal, a afirmação da autoestima e função perante a sociedade. Vive-se em torno de uma atividade profissional, as pessoas são vistas conforme o cargo que ocupam em uma instituição e tendem a organizar a vida e administrar o tempo através do trabalho.

As sociedades colocaram o trabalho numa posição central. A nossa é a primeira a sugerir que ele pode ser algo mais do que uma punição ou uma penitência. A escolha de nossas profissões carrega a definição de nossa identidade, chegando ao ponto de não perguntarmos a novos conhecidos de onde eles vêm ou quem são seus pais, mas o que eles fazem, na suposição de que o caminho para uma existência significativa deve sempre passar pelos portões de um emprego remunerado (BOTTON, 2009, p.106).

O trabalho é rico de sentido individual e social, é um meio de produção da vida de cada um ao prover subsistência, criar sentidos existenciais ou contribuir na estruturação da identidade e da subjetividade, sendo valorizado tanto pelos capitalistas quanto pelos marxistas (NOVO; FÔLHA, 2010).

As atividades profissionais não podem definir uma pessoa completamente, porém, não é fácil dissociar a profissão da personalidade. Talvez porque os seres humanos passem a maior parte da vida trabalhando, muitas vezes priorizando a carreira profissional em detrimento de atividades pessoais e do convívio com a família, ou talvez porque seja mesmo difícil definir a si mesmo (FREAZA, 2010).

Apesar das mudanças que envolvem o significado do trabalho, ele pode ter diferentes significados entre os diversos sujeitos, um indivíduo pode considerá-lo o centro de sua vida, sua fonte de prazer, enquanto outro o percebe como sofrimento e falta de oportunidade.

3.2 O ENVELHECIMENTO E A APOSENTADORIA

No Brasil, segundo o Censo 2010, 20.590.000 brasileiros tem acima de 60 anos de idade. Segundo dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010), a expectativa de vida dos brasileiros aumentou. Em 1991, era de 66 anos, em 2011, a esperança de vida ao nascer no Brasil passou para 74,08 anos (74 anos e 29 dias).

À medida que a expectativa de vida aumenta, cresce também o número de idosos no mercado de trabalho. Há vinte anos, eram 2,6 milhões de idosos, hoje, esse número é mais do que o dobro, já são 5,4 milhões de brasileiros com mais de 60 anos trabalhando (IBGE, 2010).

A questão do envelhecimento e da longevidade humana é algo que existe desde a mais remota história, seja na busca pela fórmula da eterna juventude, que está associada à felicidade plena, ou como preocupação constante do homem em todos os tempos. Despertando maior ênfase na última década, devido, sobretudo, a sua expansão tanto a nível mundial como na realidade brasileira, sendo objeto de investigação na comunidade acadêmica e na sociedade civil (ARAÚJO; CARVALHO, 2004).

Até o século XIX, o que caracterizava fundamentalmente a velhice era a impossibilidade que uma pessoa apresentava de se assegurar financeiramente. Assim, a noção de velho remete à incapacidade de produzir, de trabalhar (ARAÚJO; CARVALHO, 2004).

Segundo Peixoto (2003), era denominado velho (*vieux*) ou velhote (*veillard*) aquele indivíduo que não desfrutava de status social, contudo, para demonstrar uma visão menos estereotipada da velhice, o termo 'idoso' foi adotado para caracterizar tanto a população envelhecida em geral, quanto aquela mais favorecida.

Nas antigas sociedades agrárias, os indivíduos trabalhavam desde a infância até o envelhecimento final por fins de sobrevivência. Somente com a transição para sociedade urbana e industrial é que surgiram modalidades emancipatórias da condição de trabalho pela sobrevivência, através da proibição do trabalho infantil e adolescente e da liberação do idoso pela aposentadoria e pensão (PROCHNOW, 1998).

Nesse sentido, a aposentadoria surgiu no século XIX na Europa como uma forma de assegurar a sobrevivência das primeiras gerações de operários que envelheceram e perderam a capacidade para o trabalho (FERREIRA, 2003).

No Brasil, em 1º de maio de 1943, o decreto 5.452 criou a CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas, que entrou em vigor no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). No mesmo período foi criado o Ministério do Trabalho (1939) e a maioria das leis trabalhistas. Com a CLT, alguns direitos dos trabalhadores passaram a ser reconhecidos, além do recebimento de benefícios, como férias, décimo terceiro salário, FGTS, aposentadoria, entre outros (DONZELLE, 2009).

No Brasil, a aposentadoria é um direito garantido aos trabalhadores em forma integral ou proporcional. Para ter direito a aposentadoria integral, o homem deve comprovar pelo menos 35 anos de contribuição e 65 anos de idade, e a mulher, 30 anos de contribuição e 60 anos de idade. Para ter direito a aposentadoria proporcional, o trabalhador precisa cumprir dois critérios: tempo de contribuição e idade mínima. Segundo a Lei nº 10.666, de 8 de maio de 2003, publicada no Diário Oficial da União em 09/05/2003, a idade mínima em que o trabalhador pode requerer a concessão é aos 53 anos para homens e 48 anos para mulheres, desde que em ambos os casos comprovem, no mínimo, 30 anos de contribuição.

O trabalhador pode ainda, requerer aposentadoria especial em casos de invalidez (por doença ou acidente), quando sendo considerado incapacitado para exercer suas atividades pela perícia médica da Previdência Social.

Para Luborsky e LeBlanc (2003), a aposentadoria difere do envelhecimento, e não pode ser confundida como tal, uma vez que nem todos os aposentados são velhos e nem toda a velhice é aposentada.

3.3 IMPLICAÇÕES DA APOSENTADORIA NA IDENTIDADE PESSOAL, SOCIAL E PROFISSIONAL

Na língua portuguesa, aposentar-se prende-se etimologicamente à hospedagem, abrigo nos aposentos. Considerando que aposento é o mesmo que quarto, o sentido do termo remete à noção de abrigar-se nos aposentos, no interior da habitação (CARLOS et al., 1999). Em inglês e francês, *retires* e *retraité*, respectivamente, também remetem à noção de retirar-se,

afastar-se da vida ativa, sendo que no século XXI, *retraité* significava, também, o lugar onde as pessoas se retiravam para escapar dos perigos e das modernidades (BERND, 1996).

Da importância da identidade de trabalhador e de sua representatividade enquanto identidade do eu, emergem as questões da aposentadoria e suas repercussões. Identidade que se refere, também, à consciência de pertencer a determinado grupo social, inclusive laboral, e à carga afetiva que esta pertença implica (CARLOS et al., 1999).

A aposentadoria, por representar a ruptura com o papel profissional formal, ao invés de ser vivenciada como um repouso merecido pode ser uma situação ameaçadora do equilíbrio psicológico (RODRIGUES et al., 2005).

A aposentadoria representa, sob o ponto de vista psicológico e social, um momento estressante e de muita expectativa na vida do indivíduo, que suscita reações muito ambivalentes, desde uma sensação de liberdade até um sentimento de exclusão. As mudanças advindas com a aposentadoria requerem uma adaptação, nem sempre atingida pela maioria das pessoas. Caso não haja essa adaptação, os resultados negativos deste novo período podem ser muito sérios, manifestando-se através de depressão, isolamento, dificuldades de relacionamento com a família, etc. (MUNIZ, 1996, p. 199).

Rodrigues et al. (2005) ainda destacam que há nuances e diferenças na significação e modos de enfrentar a aposentadoria, considerando-se a classe econômica e demais fatores culturais e sociais a que estão submetidos os trabalhadores.

A aposentadoria caracteriza-se hoje como um problema social de grande complexidade, que envolve as mais diversas instituições: o Estado, a família, as empresas, o indivíduo. Podemos então dizer que para muitos a aposentadoria é um período da vida associado à idade avançada e à saída do mercado de trabalho. Não somente pelas questões financeiras envolvidas, mas, sobretudo, pela carga emocional atribuída ao trabalho como parte indissociável do próprio indivíduo (FREAZA, 2010).

A ausência de trabalho que pode ser gerada pela chegada da aposentadoria é compreendida como um desequilíbrio, sendo uma situação difícil de imaginar e de projetar para si mesmo.

Destarte, o aposentado é muitas vezes enxergado como improdutivo, como alguém que não serve mais para o trabalho ou até mesmo para a convivência. Para Peixoto (2003), a aposentadoria, apesar de ser um direito reconhecido e muitas vezes desejado, simboliza a

perda de um papel social fundamental – o de indivíduo produtivo – passando a ser sintoma social de envelhecimento.

No entanto, muitos sujeitos mantêm um vínculo simbólico com o trabalho através da identidade de trabalhador, o qual se representa como atributo de valor e de inserção social, fundamentados nas memórias de um passado de inserção em um grupo profissional e de uma carga afetiva correspondente (CARLOS et al., 1999).

Uma possível solução para se chegar a um equilíbrio poderia ser o cultivo de outros interesses além do trabalho. Quem não começa a pensar nessas questões desde cedo, terá mais dificuldades para saber o que fazer com o tempo livre ao se aposentar (FREAZA, 2010).

É o que também afirma França (2009): “muitos acreditam que com a aposentadoria os relacionamentos podem diminuir, principalmente, aqueles que cultivam amizades num único lugar: o ambiente do trabalho. As pessoas se aproximam mais pelos interesses que tenham. E o trabalho é um dos mais fortes pontos em comum.”

O modo pelo qual o indivíduo vivenciará a aposentadoria pode ser compreendido a partir da relação que o indivíduo estabeleceu, ao longo de sua vida, entre o papel profissional e o tempo livre, sendo que este, quando o sujeito se aposenta, pode ser direcionado para o crescimento individual ou apenas encarado como um tempo vazio e, possivelmente, um espaço para a ociosidade (RODRIGUES et al., 2005).

Conforme afirma França (2009), “a aposentadoria é o contraponto do trabalho, mas seu conceito vem se modificando, já que um número crescente de aposentados prefere continuar trabalhando. É possível que, independentemente da remuneração, aqueles que continuam imprimindo sua produtividade desenvolvam o senso de maior utilidade e obtenham maiores oportunidades para a interação social”.

Como demonstra a pesquisa de Jayashree e Rao (1991), o trabalho pós-carreira proporciona aos que o realizam uma identidade positiva e alto ajuste social. Nessa perspectiva, são buscadas atividades remuneradas ou não, preferentemente no espaço público, como forma de garantir reconhecimento social, isso oportuniza a experiência de sentir-se vivo, já que a ausência do trabalho é associada à morte, à exclusão e à segregação em uma sociedade pautada pelo valor produtivo (CARLOS et al., 1999).

Como utilizar e administrar o tempo disponível, outrora ocupado, é um desafio para os indivíduos que dedicaram muito tempo de sua vida ao trabalho.

A dedicação excessiva à labuta, segundo França (2009) pode limitar o desenvolvimento de outras atividades e interesses, como o lazer, atividades culturais e educacionais, *hobbies* ou o relacionamento familiar. Chegada a aposentadoria, a falta de planos e de expectativas acarreta um sentimento de perda para muitos trabalhadores, diante do fato de ter que gerenciar sozinhos o seu tempo.

O apego do indivíduo com o seu trabalho pode, segundo Gee e Baillie (1999), “influenciar as pessoas a postergarem a saída do trabalho na aposentadoria, ou a temerem um rompimento imposto”.

Segundo Vries (2003), as pessoas de alto nível dentro da empresa, os líderes, são os que mais sofrem com a aposentadoria. A solidão e a depressão surgem, por vezes, depois da perda do poder. Alguns problemas psicológicos podem surgir no período da aposentadoria, ou mesmo no período pré-aposentadoria, em decorrência da associação existente entre trabalho e reconhecimento.

O “descarte da laranja” ou o que ficou conhecido como “papel sem papel” significa, para o descartado, a perda da posição, dos amigos, do núcleo de referência, da transformação dos valores, das normas e das rotinas, e a submissão a condições que agridem a autoestima e a imagem de si mesmo. Em outras palavras, coloca-se em xeque a identidade pessoal (ZANELLI; SILVA, 1996).

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 TIPO DE PESQUISA

Para alcance dos objetivos propostos, optou-se por um estudo descritivo com abordagem qualitativa. A pesquisa descritiva, segundo Figueiredo (2007) tem como objetivo primordial a descrição de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis através de instrumentos para coleta de dados como observação sistemática e/ou questionários.

A abordagem qualitativa busca conhecer trajetórias de vida, experiências sociais dos sujeitos e exige uma grande disponibilidade do pesquisador e um real interesse em vivenciar a experiência da pesquisa (COSTA; VALLE, 2000).

Para Minayo (2007), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações de natureza diferente da pesquisa quantitativa, que lida com variáveis, dados matemáticos, equações, estatísticas.

4.2 LOCAL DA PESQUISA

O cenário para investigação foi a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras. A escolha deste local de pesquisa surgiu a partir da observação e dos relatos de professores acerca de suas expectativas, planos, medos e aspirações para o período de aposentadoria. A referida Universidade não oferece para os professores e funcionários um Programa de Preparação para Aposentadoria, o qual já vem sendo instalado em diversas instituições que se preocupam com a qualidade de vida de seus funcionários. Este Programa consiste em apresentar para o funcionário condições e meios para ter uma boa aposentadoria e saber desfrutá-la, ocupando seu tempo com atividades prazerosas e salutares (SILVA; ALMEIDA; MORAES, 2008).

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Hulley (2003) expõe que a população-alvo de um estudo consiste no conjunto completo de pessoas que apresentam um determinado conjunto de características, sendo a amostra, o subconjunto dessa população disponível para estudo. Destarte, a população do estudo constituiu-se de docentes da UFCG, campus Cajazeiras, na transição à aposentadoria.

Embora os critérios da Previdência Social para concessão do benefício auxiliem na identificação da população do estudo, houve dificuldade em identificá-la, tendo em vista a diversidade de condições que podem levar o trabalhador a requerer o benefício e pela decisão individual de solicitá-lo ou não. Considerou-se nessa pesquisa o critério de idade mínima para aposentar-se (aposentadoria proporcional): mulheres com idade maior ou igual a quarenta e oito anos e homens com idade maior ou igual a cinquenta e três anos, segundo aprovado na Lei nº 10.666, de 8 de maio de 2003, publicada no Diário Oficial da União.

Optou-se pela amostragem não probabilística de conveniência, que é caracterizada por ser composta de indivíduos que atendem aos critérios de inclusão e são de fácil acesso ao investigador (HULLEY, 2003).

Utilizou-se ainda, o critério de saturação de respostas. O fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes no estudo quando os dados obtidos passam a apresentar, na visão do pesquisador, certa redundância ou repetição (DENZIN; LINCOLN, 1994).

A amostra foi constituída de 20 docentes universitários. Um sujeito foi excluído da pesquisa por encontrar-se afastado para doutorado e três docentes não consentiram em participar do estudo.

4.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Com relação aos critérios de inclusão determinou-se que todos os participantes fossem docentes da UFCG, campus Cajazeiras; tivessem idade igual ou superior a 48 anos no caso das mulheres e 53 anos no caso dos homens.

Foram excluídos deste estudo os docentes que apresentaram pelo menos um dos seguintes critérios: estivessem afastados da instituição, devido à licença para tratamento de

saúde ou em decorrência de processo de qualificação profissional, cursando mestrado ou doutorado.

4.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado (Apêndice A). Segundo Minayo (2007), a entrevista pode ser entendida no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informação sobre determinado tema científico e ao ser semi-estruturada, combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

O instrumento foi dividido em duas partes, sendo a primeira voltada à contemplação dos dados sócio-demográficos dos sujeitos da pesquisa e a segunda com questões norteadoras, cuja elaboração foi baseada nas contribuições de pesquisadores que estudam a aposentadoria. As perguntas foram formuladas no sentido de identificar as opiniões dos sujeitos sobre o trabalho e a aposentadoria e as suas preocupações e expectativas perante essa mudança de condição social.

4.6 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Após apresentação e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) foi iniciada a pesquisa de campo. Para realização da coleta de dados, solicitou-se a autorização do Diretor do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (Anexo A), para desenvolver a pesquisa. Posteriormente, requereu-se às Unidades Acadêmicas a relação de professores que atendiam aos critérios de inclusão propostos pelo estudo. Os docentes foram contatados e o encontro com os mesmos, agendado. O conteúdo e os objetivos do estudo foram explicitados para os sujeitos, os mesmos foram informados sobre a participação voluntária e o direito de desistência em qualquer etapa da pesquisa. As entrevistas foram gravadas a partir do consentimento dos sujeitos e, posteriormente, transcritas pelas pesquisadoras. Os informantes, no momento da aplicação da entrevista, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), obedecendo aos aspectos éticos e legais da Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, referente à pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996).

4.7 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados sociodemográficos foram analisados pelo método estatístico descritivo simples, sendo tabulados e apresentados em gráficos através do programa Microsoft Office Excel for Windows 2007. A análise dos dados pautou-se na análise de conteúdo em sua modalidade de análise temática proposta por Bardin (2009), que é, segundo ele, um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

4.8 ASPECTOS ÉTICOS

Esse estudo respeitou os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, conforme preconiza o Conselho Nacional de Saúde – CNS, pela resolução N° 196, de 10 de outubro de 1996. Esta resolução regulamenta as pesquisas em seres humanos e assegura aos participantes do estudo informações acerca dos seus objetivos, bem como o anonimato, a liberdade para o consentimento e desistência da participação em qualquer momento, sem prejuízo para sua assistência (BRASIL, 1996).

Pesquisa com seres humanos é aquela que envolve o ser humano, de forma individual ou coletiva, direta e indireta, em sua totalidade ou em partes, incluindo o manejo de informações ou materiais. Nesse sentido, a eticidade da pesquisa implica na leitura e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por parte do entrevistado (a) para autorização da coleta de dados, este termo assegura a não identificação do sujeito, assim como a manutenção do caráter confidencial das informações. Corrobora-se com Costa (2000) quando afirma que a resolução incorpora os referenciais básicos da bioética, bem como os princípios éticos da autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. Para preservar a identidade dos docentes, foram usados identificadores para a enumeração das entrevistas, por exemplo, D1, D2... D20.

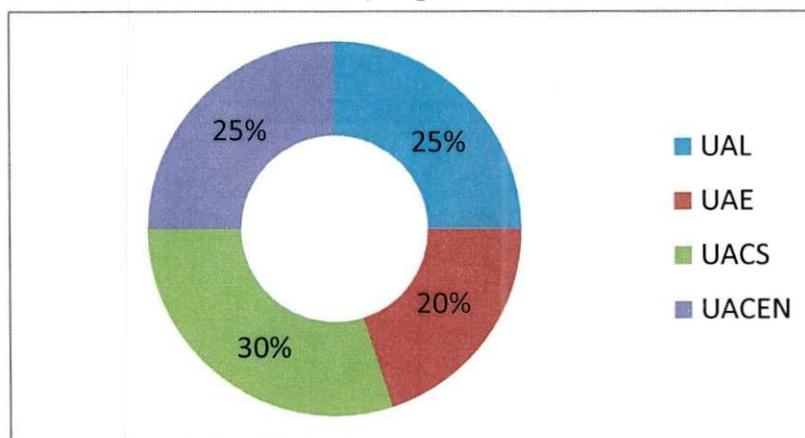
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

A apresentação dos resultados do perfil dos docentes teve como base as seguintes variáveis: unidade acadêmica ao qual está vinculado, sexo, idade, titulação, estado civil, tempo de exercício da docência, renda familiar e tempo para aposentadoria.

O Centro de Formação de Professores é composto por seis unidades acadêmicas. Participaram do estudo apenas professores lotados em quatro destas unidades, os quais atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa. Isso possivelmente ocorreu por serem estas as unidades pioneiras da universidade, possuindo um quadro docente mais antigo. O número de docentes participantes do estudo em cada unidade é equiparável, dos quais 25% (n=5) são da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), 20% (n=4) da Unidade Acadêmica de Educação, 30% (n=6) fazem parte da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais e os outros 25% (n=5), da Unidade Acadêmica de Ciências Exatas e da Natureza (UACEN) (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição por Unidade Acadêmica



Fonte: Pesquisa Direta/2013

No que diz respeito ao sexo, os participantes da pesquisa, conforme demonstra a Tabela 1 na página seguinte, estão divididos na mesma proporção, sendo dez homens e dez mulheres, diferentemente do imaginário popular, que via o magistério tradicionalmente como um trabalho de mulher, pois, nas sociedades patriarcais, era considerado um trabalho feminino (de menor prestígio, menos profissional) e a docência era vista como uma extensão do trabalho doméstico (OLIVEIRA, 2006).

Tabela 1: Aspectos Sociais dos docentes universitários

VARIÁVEL	%	n
SEXO		
Masculino	50%	10
Feminino	50%	10
IDADE		
48-51 anos	20%	04
52-55 anos	35%	07
56-59 anos	25%	05
60-63 anos	15%	03
64-67 anos	5%	01
ESTADO CIVIL		
Solteiro	35%	07
Casado	45%	09
Divorciado	15%	03
União estável	5%	01

Fonte: Pesquisa Direta/2013

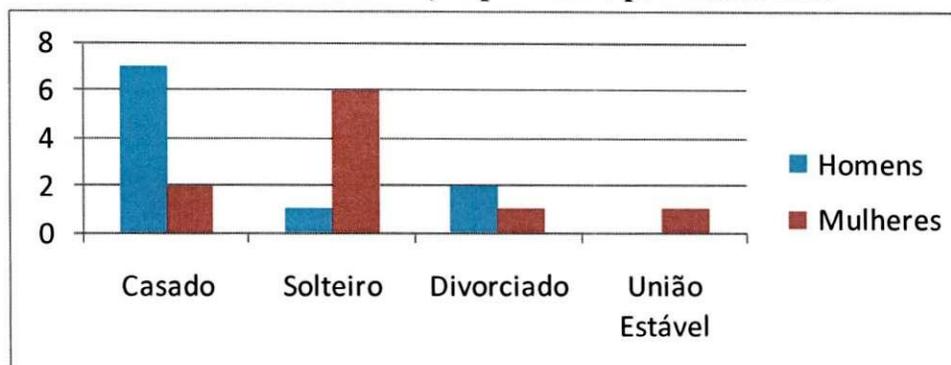
O resultado encontrado confronta-se com o estudo de Delcor et al. (2004), em que foi constatado que a docência é considerada própria das mulheres por sua similaridade com o trabalho educativo da mãe com seus filhos.

Conforme dados da Tabela 1, a maioria dos indivíduos encontra-se na faixa etária de 52 a 55 anos de idade, o que corresponde à 35% (n=7) da amostra; 20% (n=4) estão entre 48 a 51 anos, salienta-se que nessa faixa, encontram-se apenas mulheres, já que o estudo excluiu homens nesta idade; na faixa etária de 56 a 59 anos estão inclusos 25% (n=5) dos sujeitos; 15% (n=3) dos participantes tem entre 60 e 63 anos; e apenas um sujeito encontra-se na faixa etária de 64 a 67 anos de idade.

Ainda de acordo com a Tabela 1, os docentes casados atingem 45% (n=9) da amostra, 35% (n=7) são solteiros, 15% (n=3) são divorciados e 5% (n=1) encontram-se em união estável. O estudo de Bertaci et al. (2011) demonstrou que o casamento e a união estável são muito presentes na vida dos professores universitários.

Nota-se diferença quando confrontado estado civil e sexo, onde a maioria das mulheres (60%) é solteira, enquanto apenas 10% (n=1) dos homens o são. A maior parte dos homens (70%) tem estado civil casado, competindo com somente 20% (n=2) das mulheres. Segundo Rocha e Sarriera (2006), a mulher, para atingir esse patamar de status – docente universitária – sacrifica, muitas vezes, sua vida pessoal a fim de conquistar um espaço profissional que até há pouco tempo era um reduto masculino (Gráfico 2).

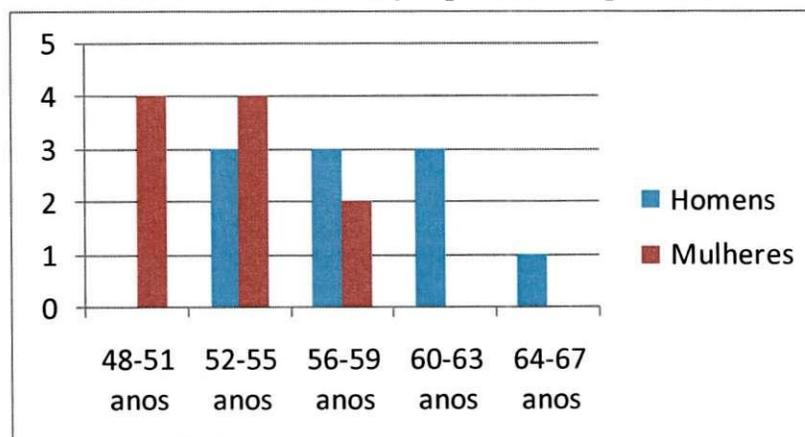
Gráfico 2 – Distribuição por sexo e por estado civil



Fonte: Pesquisa Direta/2013

Observa-se no Gráfico 3, uma predominância de mulheres em faixa etária mais jovem quando comparada com os homens, não constando na amostra, nenhuma professora com idade superior à 59 anos. É possível que essa diferença se dê pelo fato de que as mulheres aposentam-se mais cedo do que os homens, tanto se for considerado o tempo de serviço, como se o critério para aposentadoria for a idade.

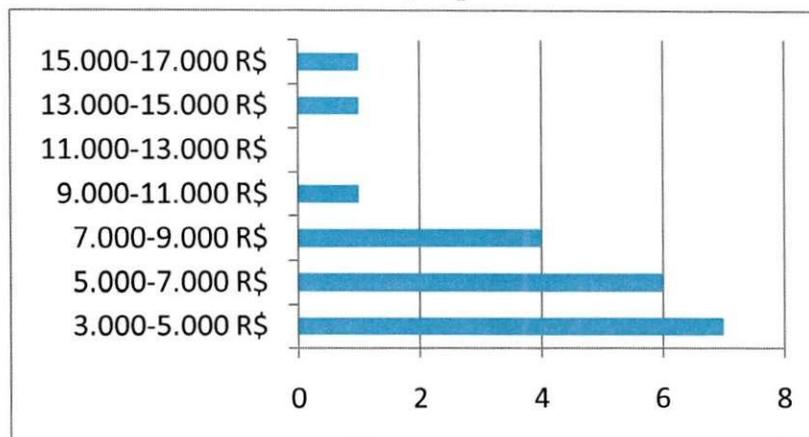
Gráfico 3 – Distribuição por idade e por sexo



Fonte: Pesquisa Direta/2013

Quanto à renda familiar, conforme nos mostra o Gráfico 4 na página seguinte, a maioria (65%) dos docentes tem uma renda entre 3.000,00 a 7.000,00 R\$, enquanto o restante, que equivale à 35% (n=7) da amostra tem rendimentos acima destes valores. A renda familiar é um fator importante quando o assunto é aposentadoria, pois a possível diminuição salarial pode acarretar em protelação da aposentadoria ou fazer com que o aposentado procure outros meios para aumentar a renda.

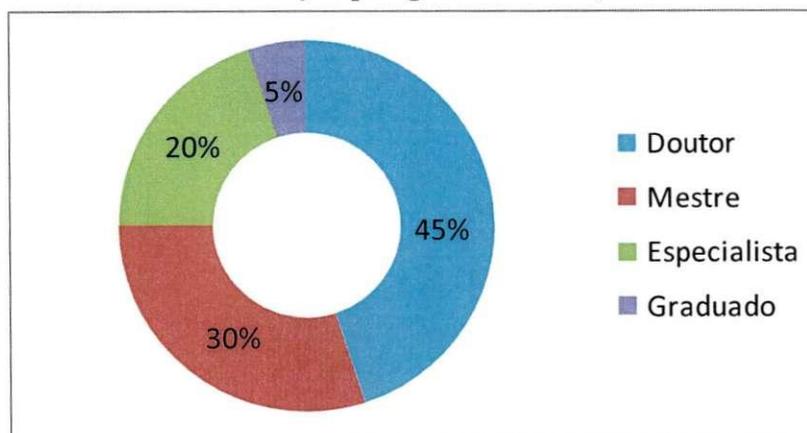
Gráfico 4 – Distribuição por renda familiar



Fonte: Pesquisa Direta/2013

No tocante ao grau de titulação dos docentes, o Gráfico 5 nos mostra que 45% (n=9) são doutores, 30% (n=6) são mestres, 20% (n=4) são especialistas e um professor tem apenas a graduação. Esses números revelam um percentual maior de doutores quando comparado ao Cadastro Nacional de Docentes na Educação Superior, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, no qual apenas 22,7% dos docentes encontram-se no nível de doutorado (BRASIL, 2005).

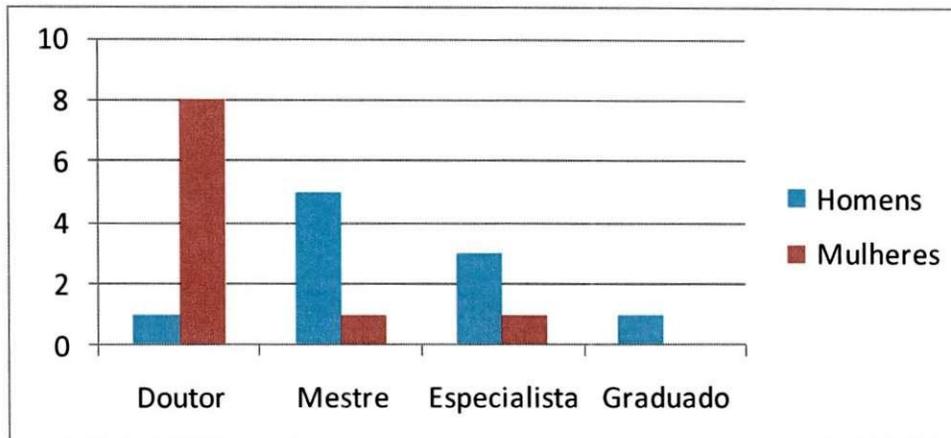
Gráfico 5 – Distribuição por grau de titulação dos docentes



Fonte: Pesquisa Direta/2013

Efetuando-se comparação entre titulação e sexo, conforme demonstrado no Gráfico 6 na página subsequente, percebe-se um aumento acentuado de nível de titulação entre as mulheres, onde a maioria (80%) cursou doutorado, 10% (n=1) são mestres e 10% (n=1) especialistas. Enquanto os homens apresentam um percentual menor, (10%) de doutores, 50% (n=5) de mestres, 30% (n=3) especialistas e 10% (n=1) graduados.

Gráfico 6 – Distribuição por sexo e por titulação

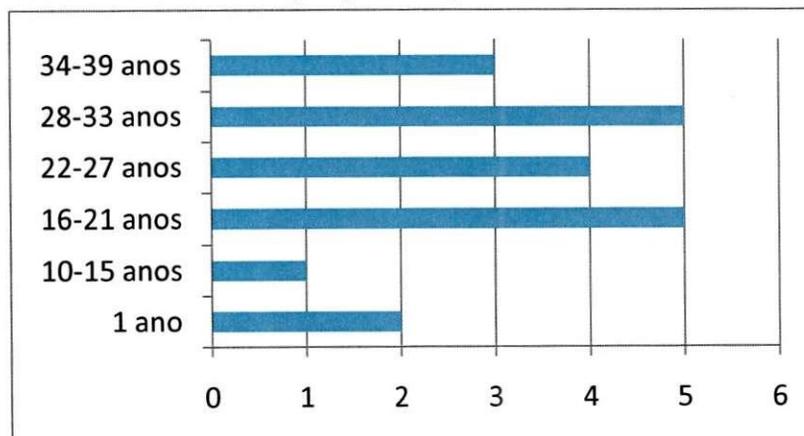


Fonte: Pesquisa Direta/2013

Na página seguinte, o Gráfico 8 demonstra que quanto ao tempo de exercício da docência, 10% (n=2) tem um ano, esses sujeitos apesar de se adequarem aos critérios de inclusão da pesquisa atuam como professores universitários há pouco tempo, mas somando-se o tempo de serviço dos mesmos em outras instituições, já encontram-se no período de pré-aposentadoria.

Dos demais docentes, 5% (n=1) tem entre 10 a 15 anos de tempo de serviço na UFCG, 25% (n=5) de 16 a 21 anos, 20% (n=4) de 22 a 27 anos, 25% (n=5) de 28 a 33 anos e 15% (n=3) tem tempo de atuação como professor entre 34 e 39 anos.

Gráfico 7 – Distribuição por tempo de exercício da docência

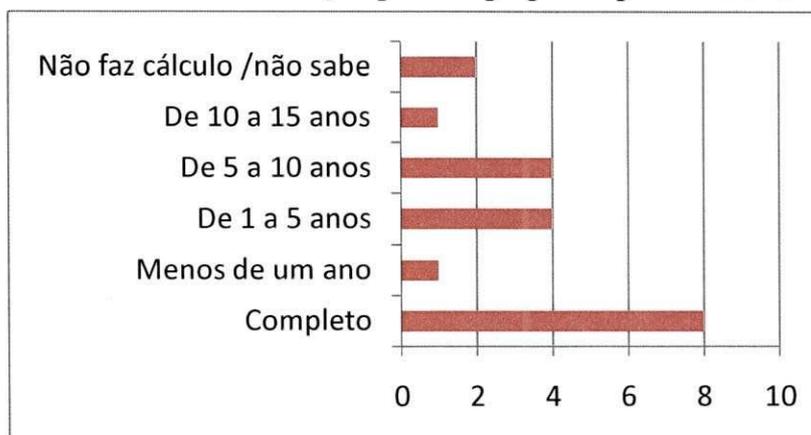


Fonte: Pesquisa Direta/2013

No tocante ao tempo que resta para que os docentes possam se aposentar, conforme nos mostra o Gráfico 9, 40% (n=8) já tem esse tempo completo, ou seja, já podem se

beneficiar da aposentadoria, se assim o desejarem. Entre os homens esse percentual é ainda maior, onde 60% deles já atendem aos critérios para concessão do benefício, mas estão adiando essa tomada de decisão. Alguns docentes (35%) referem que só irão se aposentar na aposentadoria compulsória, a qual é passagem, obrigatória, do servidor da atividade para a inatividade, por ter completado 70 anos de idade, independente de sexo.

Gráfico 8 – Distribuição por tempo para aposentadoria



Fonte: Pesquisa Direta/2013

5.2 NÚCLEOS TEMÁTICOS

A partir da análise temática das entrevistas constatou-se três núcleos temáticos: o significado do trabalho na vida dos docentes; percepção dos docentes acerca da aposentadoria e expectativas para o período de aposentadoria.

O primeiro núcleo abrange a conceituação destes profissionais sobre o trabalho e os benefícios e malefícios advindos, na visão dos docentes, de suas atividades laborais. O segundo envolve o significado da aposentadoria e as sensações e preocupações suscitadas ao pensar em estar aposentado. O último núcleo compreende as atividades que os docentes planejam desenvolver quando estiverem aposentados.

5.2.1 O significado do trabalho na vida dos docentes

Conforme elucidado pelos professores, o trabalho ocupa um espaço significativo em suas vidas, caracterizando-se como um fator importante e indispensável na vida do ser

humano. As falas de alguns sujeitos nos remetem a ideia de centralidade, conforme a proposição de Lukács apud Lima (2003) de que não existe homem sem o trabalho. Segundo os discursos, é por meio do trabalho que há a dignificação do ser humano.

O trabalho é tudo pra mim. É o que me dá motivos pra viver. (D8)

Eu não existiria se não tivesse tido a oportunidade, o privilégio de trabalhar. (D2)

Ele tem significado central em minha vida, umas das coisas mais importantes da minha vida é o trabalho. (D13)

Posso dizer que o trabalho é algo que nos dignifica como pessoa, nos torna indivíduos produtivos, este é o significado pra mim. (D5)

Na modernidade, sobretudo após a Revolução Industrial, o trabalho alcança um lugar de maior valor, de algo que define a identidade e a existência de cada sujeito. No mundo contemporâneo o trabalho goza de um lugar privilegiado na vida das pessoas (MOREIRA, 2011).

Os docentes referem gostar da profissão, na qual se sentem realizados profissionalmente e através desta trazem contribuições para a sociedade, criando uma interação com a mesma, e ainda, favorecem a socialização de saberes.

É um retorno daquilo que minha profissão permite para a sociedade.

Gosto do que faço, por isso é uma realização profissional. (D20)

Você contribui com algo, aprende algo. (D3)

É estar ativo, produzindo, contribuindo, aprendendo. (D3)

Segundo Moreira (2011), o trabalho enquanto atividade profissional pode promover sentido não pela tarefa, pelo simples fazer, mas pelo modo como a tarefa é executada. No caso dos professores, eles se sentem realizados em poder contribuir para formação de indivíduos e poder utilizar os seus conhecimentos na busca por uma sociedade melhor. Além disso, a maioria afirmou gostar da profissão, o que gera mais facilmente essa sensação de realização profissional.

As narrativas revelam que o trabalho não é visualizado apenas como uma realização profissional, mas, sobretudo, como uma atividade que garante a realização pessoal, favorecendo o crescimento, o aprendizado, motivando e sendo ainda descrito como sinônimo de prazer.

Para mim, o trabalho é um fator que realiza o homem, onde eu posso me realizar tanto como pessoa, como profissionalmente. (D10)

É uma forma de realização de vida. (D1)

É a realização de um sonho. (D7)

Qualquer profissão oferece ao sujeito diversas oportunidades para se realizar em caráter profissional e pessoal. Frankl (1978/1989) refere-se ao trabalho como um caráter insubstituível da vida humana, aquela impossibilidade de o homem ser representado por outrem no que só ele pode e deve fazer, o seu caráter de algo único: não do que ele faz, mas de quem o faz e do modo como faz.

Apesar de não ser o significado central atribuído pelos docentes ao trabalho, a independência financeira também foi citada. Considera-se este, um aspecto importante, embora não se sobressaia aos demais, tendo em vista que é imprescindível à subsistência humana. A estabilidade financeira foi citada como benefício advindo do trabalho. Em nenhuma profissão podemos desconsiderar a questão financeira, pois é ela quem garante a manutenção do indivíduo e família, além de ser um fruto de toda atividade laboral.

O trabalho é a minha sobrevivência. Se eu não tivesse a necessidade de sobreviver, ao invés de trabalhar, eu iria apenas escrever, já que é algo que eu gosto de fazer. (D9)

O trabalho ajuda você a adquirir sua independência financeira. (D19)

Talvez por dedicarem tamanho esforço e destinarem tanto tempo de suas vidas ao trabalho, os docentes valorizem as relações interpessoais que são construídas no âmbito da Universidade. É nesse espaço onde eles passam a maior parte do seu dia, mantém contato com outros docentes, discentes, gestores e funcionários, o que propicia o desenvolvimento e a manutenção dessas relações.

Um grande benefício são as relações interpessoais que são permitidas por meio do trabalho (...). (D20)

(...) A sala de aula me faz bem, é uma oportunidade de renovar os amigos, fazer novos amigos. (D12)

(...) Possibilidade de ter relações com outros professores e pesquisadores. (D6)

Nas empresas, a interação humana ocorre em dois níveis concomitantes e interdependentes. O nível da tarefa é o que podemos observar, que é a execução das atividades individuais e em grupos. Já o socioemocional refere-se às sensações, aos sentimentos que são gerados pela convivência (MOSCOVICI, 1994). Essa interação socioemocional pode favorecer o resultado do trabalho e as relações interpessoais entre os sujeitos.

Por ser uma profissão na qual é necessário transmitir conhecimentos e se manter sempre bem atualizado, os professores fizeram menção à motivação para estudar enquanto benefício gerado através do trabalho, o que culmina em um maior aprendizado e aprofundamento teórico.

Você começa a se imbricar com processos de conhecimento em função de seu trabalho, a gente adquire formação especializada. (D5)

(...) Motivação para aprofundamento dos estudos que eu já construí até então; os aprendizados que são constantes com essa troca de informação com os discentes. (D20)

Concordamos com Morin et al. (2007) quando afirmam que o trabalho deve relacionar três dimensões: a dimensão individual (satisfação pessoal, independência e sobrevivência, crescimento e aprendizagem, identidade), a dimensão organizacional (utilidade, relacionamento, inserção social) e a dimensão social (contribuição social).

Alguns sujeitos apontam determinados malefícios como provenientes do trabalho, embora a maioria dos docentes desconsidere a existência dos mesmos. Os malefícios

destacados em ordem decrescente de citação pelos professores são: jornada de trabalho exaustiva, problemas de saúde, conflitos interpessoais e baixa remuneração.

Trabalho muito e é uma jornada bastante exaustiva. Além de aulas, tem pesquisas, comissões, isso é muito desgastante. (D6)

O maior mal que o trabalho me trouxe foi questões relacionadas à saúde. (D13)

É o mal psicológico da convivência: inveja, calúnia, suspeição de caráter, mas isso é inerente à convivência. (D5)

Baixa remuneração e muito trabalho. (D9)

O trabalho exaustivo, segundo os docentes, se dá pelo fato de terem que administrar salas de aula (por vezes com número excessivo de alunos), realizarem pesquisas e extensões, participarem de eventos e comissões, além dos cargos administrativos ocupados por muitos. O trabalho docente transcende a Universidade, pois o professor precisa estudar, se atualizar, preparar aulas, elaborar e corrigir avaliações, entre outras atividades inerentes à função.

Conforme Mendes (2007) os conflitos interpessoais têm suas causas nas dimensões do contexto de trabalho, que na maioria das vezes, favorecem a rivalidade entre os colegas, a competição e o individualismo, tendo em vista, as estratégias de gestão utilizadas.

Assim como outros profissionais, alguns professores, por colocarem o trabalho como prioridade, incorrem no erro de negligenciar a saúde, desenvolvendo diversos tipos de doenças tanto físicas como psicológicas.

Um dos professores relatou que ao longo de sua carreira profissional dedicou-se demasiadamente ao trabalho, chegando a negligenciar outros aspectos relevantes de sua vida, como verifica-se na seguinte fala:

*Às vezes negligencio aspectos mais importantes em favor do trabalho.
(...) Me dediquei muito ao trabalho e cuidei pouco da minha saúde,
cuidei muito pouco da minha família. (D13)*

Isso nos remete ao seguinte questionamento: até que ponto o trabalho deve posicionar-se como prioritário na vida de um indivíduo? Que posição a família, os amigos, ou mesmo a

saúde deve ocupar nessa rotina repleta de atividades e atribuições? O mesmo sujeito relatou conhecer o seu erro, mas afirma que não há mais como recuperar o tempo perdido.

Até aqui já fica claro que o trabalho é uma das mais importantes formas de realização humana, entretanto, não parece saudável que seja a única. Para Muchinsky (2004) o homem se dedica muito ao trabalho e esquece suas atividades. Segundo De Masi (1999), com o passar do tempo, esses trabalhadores acostumam-se a conviver com sobrecarga de trabalho, adquirindo o hábito de ultrapassar o tempo além do necessário, chegando ao extremo de levarem trabalhos para os lares, nos fins de semana, diante da família que já foi deixada de lado durante toda a semana.

5.2.2 Percepção dos docentes acerca da aposentadoria

O significado que os servidores docentes atribuem à aposentadoria são bem diversificados, sendo que a maioria, embora não pretenda se aposentar enfatiza os pontos positivos desse momento da vida. A aposentadoria é percebida por alguns como um prêmio pelos anos trabalhados:

A aposentadoria é um descanso merecido após a luta. (D8)

Seria gozar dos direitos que se teve do trabalho, da contribuição que você deu para a formação acadêmica. Seria uma retribuição, um prêmio pela contribuição que você deu. (D14)

Corroborar-se com Zanelli e Silva (1996), quando argumentam que a aposentadoria pode ser vista como prêmio, um júbilo, uma recompensa aos esforços depreendidos ao longo da carreira, possibilitando a concretização de planos ou sonhos protelados por muito tempo.

Nesse estudo, a aposentadoria é também definida como o fim de um ciclo, um dever cumprido, conforme os relatos a seguir:

De ter cumprido com as minhas obrigações, exercendo meu direito de trabalhador. (D16)

Completei um ciclo, cumpri com a minha missão. Atingi o limite máximo da minha contribuição para a sociedade. (D4)

Existe ainda, a concepção da aposentadoria como uma mudança de vida, na qual haverá uma quebra na rotina. O profissional que outrora encontrava-se extremamente ocupado com seu trabalho, agora terá tempo livre, o qual será ou deverá ser preenchido por outras atividades, caracterizando uma ruptura nos seus horários e rotina.

Para mim o significado é mudança de rotina. Se eu me aposentasse, não deixaria de trabalhar, eu só mudaria minha rotina. (D13)

Aposentadoria significa uma reorientação de vida, tanto no aspecto pessoal como profissional, pela minha intenção de continuar trabalhando. (D20)

Xavier (2004) vê a aposentadoria como um momento de mudança e a forma como ela se estabelece é, segundo ele, consequência da maneira como o sujeito organizou a vida, e da importância dada ao trabalho e aos vínculos sociais.

Corrobora-se com Faria (2006) quando afirma que a aposentadoria pode vir a ser o resultado de um planejamento estratégico da vida. Ela marcará o início de uma outra vida na qual, será possível reencontrar-se consigo mesmo, após uma avaliação do passado em prol de um futuro melhor. O sentido de aposentadoria como tranquilidade e liberdade também foi elucidado pelos docentes:

Para mim seria uma tranquilidade, porque eu iria fazer o que eu gosto, e é o meu trabalho como professor. Tranquilidade de fazer as coisas quando quiser e na hora que quiser. (D13)

Infere-se que o trabalho ocupa grande parte do tempo na vida dos docentes, que chegando ao período de aposentadoria, podem enxergar o tempo livre como uma possibilidade de realizar atividades que antes não podiam realizar devido às suas atribuições profissionais.

A aposentadoria em seus aspectos negativos não deixou de ser apontada pelos professores, os quais a citaram como sinônimo de parar, o que culminaria, segundo eles, com a perda dos objetivos e sentidos.

Não me imagino sentado, descansando. Não é uma boa ideia. (D15)
A aposentadoria para mim, eu tendo a reproduzir um conceito muito cultural, muito social, que é você parar ou diminuir o movimento. Socialmente é como se você não tivesse mais objetivo, mais sentido. Aposentadoria enquanto ausência de trabalho é horrível. (D3)

Nesse sentido, a aposentadoria pode representar um momento de mudança forçada – coagida –, gerando crises e perdas; perdas podem acontecer tanto nos planos emocional e psicológico, como nos planos social e financeiro (CUNHA et al., 2004).

Alguns sujeitos não se sentem à vontade sequer em falar sobre esse tema, que caracteriza, por vezes, um incômodo. Outros têm uma visão negativa ao ponto de encará-la como o fim. Isso pode ser compreendido considerando-se que o trabalho foi identificado neste estudo como sinônimo de vida, o que nos leva ao entendimento de que, para alguns servidores docentes, o término da carreira profissional, seria o fim da vida.

Pra mim é assim, como eu não decidi ainda por me aposentar, embora já tenha o tempo de serviço, para mim é algo que me incomoda no momento em ter que me aposentar. (D2)

Aposentadoria é o anúncio do fim. O aposentado está se preparando para ser terminal. (D9)

O significado é que é o final da minha vida. (D10)

O modo de enfrentamento do período da aposentadoria varia conforme o significado atribuído ao trabalho.

Cinco respondentes assumem a negação como principal mecanismo de defesa, que para Kets de Vries e Miller (1984) ocorre quando é negada a existência de um fator externo da realidade que gera conflito para o ego, ocorre a recusa em admitir um fato, sentimento ou lembrança que evoque um impulso.

Um negócio que eu nunca pensei em minha vida. A aposentadoria, para mim, é algo que não se passou nem pela cabeça. (D12)

Eu não penso nisso, eu acho que enquanto a gente está vivo, a gente está trabalhando. Isso não vai acontecer comigo. Não penso nem na possibilidade. (D17)

A negação da aposentadoria associa-se ao anseio de continuar trabalhando, seja em outras instituições, seja em outras atividades. Essa atitude está presente em um grupo de pessoas que no decorrer de sua vida dedicou pouco tempo a outros interesses, além dos profissionais. Segundo Cunha et al. (2004) esse comportamento de aposentadoria recusa está mais presente em grupos de pessoas mais intelectualizadas, como é o caso dos docentes.

Lima (2006) afirma que a aposentadoria é um evento importante para as pessoas e pode acarretar impactos positivos ou negativos. Quando é suscitado no sujeito o pensar em aposentar-se, são várias as sensações que podem surgir. Na página seguinte, a Tabela 2 mostra as principais sensações citadas pelos servidores docentes.

Tabela 2 – Sensações dos servidores docentes ao pensar em aposentar-se

CATEGORIA	FALAS DOS SUJEITOS
Dever cumprido	<i>Eu penso em dever cumprido, não penso na aposentadoria como um fim. (D5)</i>
Liberdade	<i>Eu me sentirei livre das pressões sociais, das preocupações. (D11)</i> <i>Há uma boa expectativa para poder viver, coisas que estando no cotidiano de trabalho não consigo viver.</i>
Mudança	<i>Eu penso em mudança, novas oportunidades. (D5)</i>
Medo	<i>Medo da solidão, por que a aposentadoria afasta a pessoa daquele convívio do trabalho, das amizades, que foi construído durante muitos anos. (D2)</i>
Sensação de vazio	<i>Inicialmente uma sensação de vazio que será preenchido com novas situações de qualidade. (D4)</i>
Angústia	<i>É meio angustiante essa fase. (D6)</i>
Sentimento de inutilidade	<i>Tenho uma sensação de inutilidade. (D17)</i>

Fonte: Pesquisa Direta/2013

Como sensações positivas referidas pelos professores, destacam-se a sensação de dever cumprido, a liberdade e a mudança. Esses itens já haviam sido citados e discutidos anteriormente.

Observa-se que as sensações que os servidores docentes apresentam ao pensar em aposentar-se são, na maioria delas, negativas. Esse fato pode ser entendido levando-se em consideração que esses sujeitos ainda não vivenciaram a aposentadoria, sendo este, um novo

momento em suas vidas, isso gera ansiedade e medo pelo desconhecido. Além disso, como a maioria dos docentes atribui alto valor ao trabalho, o pensar em afastar-se do trabalho, fonte de prazer e satisfação pessoal e profissional, suscita nos mesmos sensações negativas, que serão detalhadas a seguir.

O medo citado pelos docentes tem duas principais vertentes, a primeira é o medo da solidão, a qual é mais comum naqueles indivíduos que valorizaram suas atividades laborais em detrimento de sua vida social e familiar. Este resultado é coerente com o que propõe Elias (2001): “atrelado à aposentadoria, temos o risco do isolamento. Antes da morte física, o idoso vive a morte social”. O ambiente de trabalho possibilita a oportunidade de contato com outras pessoas, bem como com atividades diferentes das domésticas. É nesse ambiente que os indivíduos podem desempenhar funções que, mesmo sendo rotineiras, têm reconhecimento social (SOUZA et al., 2010).

A sensação de vazio, também mencionada pelos docentes, está relacionada ao medo de parar, de não saber como administrar o tempo livre. Segundo Cunha et al. (2004), ao se defrontar com o tempo livre que a aposentadoria permite é possível o sujeito se sentir esvaziado, quando a sua prioridade na vida ativa sempre foi a sua atividade profissional.

A angústia referida pelos professores pode ser causada por diversos motivos, dentre eles o afastamento do ambiente de trabalho, a ruptura das relações sociais desenvolvidas por meio do trabalho, medo de envelhecer e morrer, medo da solidão, entre outros.

Na aposentadoria não apenas o medo de tornar-se supérfluo, mas a fluidez das instituições corrobora para o sentimento de angústia e medo. Considerando-se que a angústia está associada ao medo da morte, os sujeitos criam mecanismos de defesa para fugirem da consciência da própria mortalidade (CUNHA et al., 2004).

O sentimento de inutilidade está atrelado à concepção capitalista, que segundo Souza et al. (2010) supervaloriza o trabalho na vida dos seres humanos e, quando este deixa de ser vivenciado, compromete a qualidade do envelhecimento do indivíduo, principalmente se lhe faltarem habilidades e condições (individuais, sociais e econômicas) para incorporar e priorizar outras atividades e valores em sua vida.

Acerca das preocupações relacionadas à aposentadoria, nove sujeitos relataram a inexistência das mesmas. Alguns por que não se preocupam com o fato de aposentar-se, que para eles, tem aspecto positivo; outros por não desejarem se desligar da instituição, negam esse tipo de pensamento e/ou preocupação.

Não. Estou tão distante de me preocupar com o fato que nem penso em estar aposentado. (D15)

Se fosse em relação à velhice, sim. Mas quanto à aposentadoria, não. (D1)

Uma preocupação bastante referida pelos servidores docentes relaciona-se às leis trabalhistas, acerca da manutenção ou não do salário:

Medo em relação às leis trabalhistas, por que a gente não sabe se elas serão justas em relação aos aposentados, em relação aos direitos adquiridos. (D2)

A angústia da aposentadoria é o dinheiro. (D13)

Os dados obtidos permitem inferir que embora a questão financeira tenha sido apontada pelos professores como preocupação, a motivação para postergação da aposentadoria envolve principalmente aspectos sociais e psicológicos. Este resultado é semelhante àquele encontrado por Cavedon (2004) em que os respondentes apoiam sua decisão de permanência na forte ligação que estabelecem com a organização e no significado que o trabalho adquire para eles.

Em estudo realizado por França (2009), o qual analisou as atitudes de executivos do Brasil e da Nova Zelândia, avaliadas pela importância dada aos ganhos e às perdas esperadas na aposentadoria, encontrou-se que a perda de salários e benefícios foi a mais significativa entre os sujeitos pesquisados.

Outra preocupação bastante relatada entre os sujeitos é a ociosidade, que fica explícita nas falas a seguir:

Tem aposentado que fica em casa de pijama, assistindo TV, eu não me imagino dessa maneira. (D12)

Embora eu queira continuar ensinando, eu me preocupo com o fato de não ter oportunidade de continuar trabalhando. O ócio, isso me preocupa. (D13)

O ócio pode até ser algo bom, mas não para aqueles que passaram a vida produzindo intensamente. Muitas pessoas têm a habilidade de driblar bem o tempo, realizando muitas atividades simultaneamente (FREAZA, 2010).

Em oposição ao ócio, muitos indivíduos mantêm seus vínculos com o trabalho, ou, após a aposentadoria, buscam outra profissão, que ocupe seu tempo e lhe dêem satisfação e sensação de utilidade.

Outras preocupações citadas, porém com menor frequência pelos respondentes foram: o medo da solidão, a inutilidade, a invalidez e o “adoecimento do aposentado”. As duas primeiras já foram discutidas anteriormente enquanto sensações do pensar em aposentar-se.

O adoecimento do aposentado. A doença do parar, aí você começa: tá doendo aqui, tá doendo ali. O trabalho lhe obriga a se movimentar.
(D3)

A aposentadoria, ou o processo de rompimento com a lógica do trabalho formal, coincide com o aumento do fator idade e, com muita frequência, com o aparecimento de doenças (CARLOS, et al., 1999).

Fica claro até aqui, que o significado da aposentadoria para os servidores docentes é muito diverso, sendo intrinsecamente relacionado ao valor atribuído ao trabalho. As sensações são, quase em sua totalidade, negativas; e as preocupações são amplamente variadas.

5.2.3 Expectativas para o período de aposentadoria

A fase que antecede o desligamento com o trabalho é de suma importância na vida dos docentes, já que é neste período que os mesmos refletem acerca da aposentadoria, reatribuem valores, redimensionam suas vidas e planejam atividades para essa nova etapa.

As expectativas apontadas pelos sujeitos envolveram principalmente a realização de atividades prazerosas que eles não têm tempo de fazer atualmente. Como já descrito anteriormente, a dedicação excessiva ao trabalho faz com que o profissional não tenha tempo para prática de atividades que ele gostaria de realizar.

Eu pretendo ter uma vida mais alternativa, de poder cultivar uma horta, fazer trabalhos manuais, fazer longas caminhadas, poder viajar, ter uma vida equilibrada. (D1)

Realização de algumas atividades não relacionadas à minha profissão, as quais não pude realizar plenamente enquanto trabalhando na ativa. (D4)

(...) Curtir aquilo que o trabalho me impediu de curtir. (D14)

Essa seria a expectativa da “liberdade tardia” descrita por Lehr (1999) como a vivência de sentimentos positivos com relação à aposentadoria, querendo aproveitar as experiências que não puderam alcançar devido ao envolvimento com o trabalho e à dura rotina instituída.

Dentre essas atividades, destaca-se o desejo de viajar quando aposentado, como uma forma de desfrutar do tempo que outrora era dedicado quase que exclusivamente ao trabalho. Os resultados encontrados no presente estudo são análogos aos resultados da literatura nacional (Fenalti & Schwartz, 2003; Romanini, Xavier, & Kovaleski, 2005) e internacional (Blekesaune & Solem, 2005; Moschis, 2002) sobre o assunto. Através disso, podemos inferir que o resultado constatado através dessa pesquisa não reflete apenas uma realidade local com suas particularidades, e sim, realidade semelhante à de outras cidades e países.

Outra expectativa referida com ênfase pelos servidores docentes foi a de continuar estudando, pesquisando, lendo e escrevendo livros. Longe de nos surpreender, esse fato só vem a confirmar a ideia de que pessoas intelectualmente ativas não querem e nem pensam em parar, isso significaria, para alguns deles, a morte.

Dentre os que planejam continuar trabalhando, há aqueles que desejam trabalhar em outra profissão, que não ensinando; através do aprendizado de uma nova profissão, ou trabalhando em algo que já sabem, embora não pratiquem.

Retomar minha profissão de jornalista. (D6)

Montar um escritório de topografia e direito. (D16)

Vou mudar de ramo: cozinhar, abrir um negócio. (D17)

Segundo dados do IBGE, a volta dos aposentados ao mercado de trabalho está num processo ascendente. De 2000 para 2011, subiu 63%, de 3,3 milhões para 5,4 milhões, o número de parcialmente “inativos” que desempenham alguma atividade econômica.

Outra parcela de professores almeja continuar trabalhando como docente em outras instituições. Esse grupo reflete a ideia de professores que gostam da profissão e não querem parar de executá-la, eles acreditam que não sabem fazer outra coisa na vida, senão ensinar.

Continuar trabalhando, principalmente na educação básica. Gente velha que gostou de ensinar não pode se aposentar. (D13)

Continuar trabalhando em instituições privadas. (D16)

Pretendo não parar, preciso desenvolver. O que eu puder fazer, não vou partir pra outro ramo, vou partir pra outro campo, a educação não formal talvez. Mas não posso parar de trabalhar, posso partir pra outro sistema educativo. (D20)

Alguns servidores docentes relatam o anseio em realizar atividades voluntárias e participarem de atividades sociais, essas ações podem favorecer o sentimento de utilidade desses sujeitos, que agora aposentados, podem empregar os seus conhecimentos em função do próximo, daqueles que precisam.

Me dedicar a alguma parte da sociedade que precise de ajuda, não sei o que, não sei se ancião ou criança. (D10)

Contribuir na questão social, participar de atividades sociais, ajudar em entidades sem fins lucrativos. (D14)

Dedicar tempo à família e aos amigos é uma ação apontada por apenas um sujeito, o qual reconhece que durante o período em que está trabalhando não dá a devida atenção aos mesmos, e uma vez aposentado, pretende recompensar essa perda.

Estar mais presente com a família. A família cobra muito, a gente trabalha demais, não tem tempo pra família. Os amigos também

cobram. Os vizinhos, eles também não compreendem a minha dinâmica. (D2)

Conforme afirma Stucchi (2003), “cada pessoa, em sua área, detém algum poder, por mínimo que seja. E depois que se vê destituído de tudo isso, tem que reconquistar um outro espaço na sociedade, na família”.

Em estudo realizado por França (2008) com executivos, dos ganhos percebidos como mais importantes no período de aposentadoria destacou-se o tempo a ser dedicado à família. Os executivos, assim como os docentes, têm forte envolvimento e satisfação com o trabalho e pouco tempo para a vida familiar e o lazer. Assim, a maior disponibilidade para a família poderá representar uma mudança na rotina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs-se a investigar as expectativas dos docentes universitários acerca da aposentadoria. As entrevistas permearam vários aspectos, emergindo três temas: “o significado do trabalho na vida dos docentes”, “a percepção dos docentes acerca da aposentadoria” e “as expectativas para o período de aposentadoria”.

Constata-se que o grupo estudado apresenta uma postura de glorificação do trabalho, atribuindo significados positivos de satisfação, prazer, realização profissional e pessoal, isso é extremamente importante, pois o trabalho, quando realizado dessa forma, traz melhores resultados, tanto para o profissional como para os demais envolvidos. Entretanto, pessoas que gostam da profissão e se dedicam ao trabalho excessivamente, podem apresentar dificuldades de enfrentamento no período de aposentadoria.

As condutas dos docentes em relação ao trabalho, explicam, em parte, o comportamento predominante entre eles frente à possibilidade de aposentadoria: o desejo de continuar exercendo suas atividades laborais. Eles chegam a negar a aposentadoria e referem aceitá-la apenas quando for compulsória e ainda assim, planejam continuar trabalhando, seja como docentes em outras instituições, seja com uma outra profissão, ou ainda em trabalhos voluntários, que tragam alguma contribuição à sociedade.

Fica nítido que o significado da aposentadoria para os servidores docentes é muito diverso, partindo desde o sentido de prêmio pelos anos trabalhados até um castigo, ou mesmo o fim da vida. Contudo, a concepção dos sujeitos está intimamente relacionada ao valor atribuído ao trabalho, sendo inversamente proporcional.

As sensações referidas pelos docentes quando do pensar em aposentar-se são, quase em sua totalidade, negativas, como o medo, o vazio e a angústia. As leis trabalhistas, a ociosidade, o medo da solidão, a inutilidade e a invalidez são algumas das preocupações dos docentes acerca do processo de aposentadoria.

Aposentar-se significa, na visão de alguns docentes, a possibilidade de praticar atividades de lazer, como viagens e conviver mais com a família e os amigos, o que reforça o pressuposto de que durante as suas vidas ativas, eles foram privados dessas atividades e das relações subjetivas com os outros.

Diante de todas as constatações advindas desta pesquisa, podemos afirmar que o modo como cada docente enxerga a aposentadoria está intrinsecamente conexo ao modo como vive

a sua própria vida, no que tange aos seus princípios e valores e as suas prioridades tanto no aspecto profissional quanto no pessoal. Os indivíduos que diversificaram os seus interesses ao longo da vida, também saberão fazê-lo durante a aposentadoria, preenchendo o seu tempo e evitando a ociosidade com atividades que lhe garantam prazer e vitalidade.

A pesquisa realizada é uma pequena parte de um grande universo a ser explorado. Ela não traz resposta à todas as perguntas, mas abre caminhos para que novas interrogações sejam feitas.

Este estudo reforça a ideia de que as sociedades capitalistas supervalorizam o trabalho e que, as circunstâncias que levam à ausência do trabalho, como a aposentadoria, não são facilmente aceitas pelos indivíduos.

Através dos resultados encontrados podemos afirmar a importância da implantação de um Programa de Preparação para Aposentadoria na instituição, o qual favoreceria a reflexão e o planejamento dos docentes para essa nova etapa de vida. Destarte, os docentes poderiam, ao longo de sua jornada profissional, diversificar suas atividades e interesses, não se restringindo apenas às profissionais, para que quando alcançassem a aposentadoria não sofressem grande impacto e não tivessem dificuldades de adaptação. Desse modo, evitariam medos, ansiedades e preocupações como foi registrado por meio desta investigação.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, V. A. M. L. Aspectos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice. **Mneme Revista de Humanidades**, Caicó, v. 6, n. 13, p. 1-9, 2004.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro, Forense-EPU, 1981.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BERND, Z. Da arte de Viver mais frouxo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 1996.
- BERTACI, A. C. et al. Síndrome de Burnout e Nível Geral de Saúde em Professores Universitários. **Rev. Neurobiologia**, v. 74, n. 1, 2011.
- BOTTON, A. de. **Os prazeres e desprazeres do trabalho**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- BRASIL. Resolução nº. 196, de 10 de outubro de 1996. **Aprova Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos**. Brasília, DF; conselho Nacional de Saúde, 1996.
- BRASIL. **Instituto de Pesquisas Anísio Teixeira – INEP**, 2005.
- CARLOS, S. A.; JACQUES, M. G. C.; LARRATÉA, S. V.; HEREDIA, O. C. Identidade, aposentadoria e terceira idade. **Est. Interdiscipl. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 1, p. 77-89, 1999.
- CHAUÍ, M. Os trabalhos da Memória. Em: Bosi, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo-SP: Companhia das Letras, p. 17-36, 1994.
- COSTA, S. F.; VALLE, G. **Metodologia da pesquisa: Coletânea de termos**. João Pessoa: Idéia, 2000.
- CUNHA, E. G.; CAVEDON, N. R. ; MAZZILLI, C.; LÖW, I. M. A Percepção dos Intelectuais sobre a Aposentadoria: a Recusa que Esconde o Medo. In: **Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Adm**. Anais do XXVIII ENANPAD, Curitiba, 2004. v. 1.
- DELCOR, N. S, et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista. **Cad. Saúde Publica**, v. 20, n. 1, 2004.
- DE MASI, D. **O Futuro do Trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. editors. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

DONZELLE, P. L., **Uma visão sobre a OIT**. 2009. Disponível em: <<http://www.rhinfo.com.br/história.htm>>. Acesso em 14/11/2012.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FARIA, A. C. L. **A salvação do eu: representações do envelhecimento nos anúncios de previdência privada** [Dissertação]. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

FERREIRA, S. R.; SILVEIRA, A. M.; FRANCO, P. V.; MAKINO, A. T.; MARTIN, M. M. Análise das Aposentadorias por incapacidade permanente entre os trabalhadores da Universidade Federal de Minas Gerais, no período de 1996 a 1999. **Rev. Assoc. Méd. Brás**, v. 49, n. 1, p. 60-6, 2003.

FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2 ed. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2007.

FRANÇA, L. H. F. P.; VAUGHAN, G. Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses frente à aposentadoria. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, p. 207-216, 2008.

FRANÇA, L. H. F. P. Influências Sociais nas Atitudes dos 'Top' Executivos em face da Aposentadoria: um Estudo Transcultural. **RAC**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 17-35, 2009.

FREAZA, V. M. **Aposentadoria: prêmio ou castigo? Um estudo exploratório** [Dissertação]. Rio de Janeiro: IBMEC, 2010.

GEE, S.; BAILLIE, J. Happily ever after? An exploration of retirement expectations. **Educational Gerontology**, v. 25, n. 2, p. 109-128, 1999.

HIRSCH, J. ¿Qué significa Estado? Reflexiones acerca de la teoría del estado Capitalista. **Rev. Social Polit.** Curitiba, v. 24, p. 165-75, 2005.

HULLEY, S. B. **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem Epidemiológica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico do Brasil**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12/11/2012.

JAYASHREE, V.; RAO, T. R. Effects of work status on adjustment and the life satisfaction of the elderly. **Indian Journal of Clinical Psychology**, v. 18, n. 2, p. 41-44, 1991.

KETS DE VRIES, M. F. R.; MILLER, D. **The neurotic organization**. São Francisco: Jossey-Bass, 1984.

LEHR, U. A revolução da longevidade: Impacto da sociedade, na família e no indivíduo. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 1, p. 7-36, 1999.

- LIMA, M. E. A. A polêmica em torno do trabalho na sociedade contemporânea. **Revista Destarte**, Vitória, v.2 n.2, p. 161-194, 2003.
- LIMA, M. B. F. **Aposentadoria: fim ou recomeço? Percepção de professores aposentados sobre a influência da aposentadoria nas suas trajetórias profissionais e nos seus estilos de vida** [Monografia]. Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2006.
- LINS DE BARROS, M. M. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.52, p. 109-132, 2006.
- LUBORSKY, M.; LEBLANC, I. Cross-cultural perspectives on the concept of retirement: An analytic redefinition. **Journal of Cross Cultural Gerontology**, n. 18, v. 4, p. 251-271, 2003.
- MARX, K. **O Capital**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, v. 4.
- MENDES, A. M. (Org.) **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco; 1994.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec - Abrasco, 2007.
- MIRANDA, F. A. N. de.; CARVALHO, G.R. P. de.; FERNANDES, R. L.; SILVA, M. B.; SABINO, M. G. G. Saúde Mental, trabalho e aposentadoria: focalizando a alienação mental. **RevBrasEnferm**, n. 62, v. 5, p. 711-716, 2009.
- MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 47-56, 2007.
- MOREIRA, J. O. Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários. **Psicologia em estudo**, v. 16, n. 4, p. 541-550, 2011.
- MOSCOVICI, F. **Equipes Dão Certo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- MUNIZ, J. A. PPA: Programa de Preparação para o Amanhã. **Estudos de Psicologia**, n. 2, v. 1, p. 198-204, 1996.
- MUCHINSKY, P. M. História da Psicologia I/O. In: MUCHINSKY, P. M. **Psicologia Organizacional**. São Paulo: Thompson, p. 1-20, 2004.
- NOVO, L. F.; FÔLHA, F. A. S. **Importância da preparação à aposentadoria: a fala de servidores aposentados da UFPEL**. X Colóquio Internacional sobre Gestión, 2010.
- OLIVEIRA, E. S. G. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciências & Cognição**, v.7, 2006. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v07/M31677.pdf>. Acesso em 03/04/2013.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). **Velhice ou terceira idade?** 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

PROCHNOW, A. G. **Possibilidades de vida com melhor qualidade das pessoas com diabetes: um estudo de enfermagem fundamentado em Calista Roy.** Convênio Repensul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal de Santa Maria. Florianópolis, 1998.

ROCHA, K. B.; SARRIERA, J. C. Saúde percebida em professores universitários: gênero, religião e condições de trabalho. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v.10, n.2, 2006.

RODRIGUES, M.; AYABE, N. H.; LUNARDELLI, M. C. F.; CANÊO, L. C. A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.6, n.1, 2005.

SILVA, E. M. da.;ALMEIDA, R. M.; MORAES, L. S. PPA – Programa de Preparação para Aposentadoria. **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2008.

SOUZA, R. F. de; MATIAS, H. A.; BRÊTAS, A. C. P. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 6, p. 2835-2843, 2010.

STUCCHI, D. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou terceira idade?** 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.35-48.

TARCITANO, J. S. de C.; GUIMARÃES, C. D. **Assédio moral no ambiente de trabalho.** Juiz de Fora: Centro de Educação Tecnológica Estácio de Sá de Juiz de Fora, 2004.

TOLFO, S. R.; PICCININI V. Sentidos e Significados do Trabalho: explorando variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Revista Psicologia e Sociedade**, Edição Especial 1, p.38-46, 2007.

VRIES, M. Síndrome da aposentaria. **Revista HSM Management**. Ano 8, n. 41, p.182-190, 2003.

XAVIER, A. A. P. Aposentadoria: período de transformações e preparação. In: **XXIV Encontro Nacional de Engenharia de Produção do ENEGEP**, Florianópolis, 2004.

ZANELLI, J. C. SILVA N. **Programa de Preparação para Aposentadoria.** Florianópolis: Insular, 1996.

ZANELLI, J. C. O Programa de Preparação para Aposentadoria como um processo de intervenção no final de uma carreira. **Revista de Ciências Humanas (CFH/UFSC)**, CFH - UFSC, v. 5, p. 157-175, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Unidade Acadêmica/Curso: _____

Data de nascimento: __/__/__ Sexo: M () F ()

Titulação: Doutor () Mestre () Especialista () Graduado ()

Estado civil: Casado () Solteiro () União estável () Viúvo ()

Tempo de serviço: _____ Renda familiar: _____

Tempo para aposentadoria: _____

II QUESTÕES NORTEADORAS

1. Qual o significado do trabalho em sua vida?
2. Qual o significado da aposentadoria em sua vida?
3. Na sua ótica, como a sociedade em geral (família, instituições públicas e particulares, pessoas) percebe os aposentados?
4. Quais as sensações que você tem quando pensa em estar aposentado?
5. Tem alguma coisa que lhe preocupa com maior intensidade em relação à sua aposentadoria?
6. O que você pensa em fazer, que tipo de atividades você almeja desenvolver quando estiver aposentado?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Docentes universitários: quais as expectativas acerca da aposentadoria?

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário em uma pesquisa que avalia os aspectos emocionais de professores federais no período de transição para a aposentadoria. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

1. Qual o objetivo desta pesquisa?

Conhecer as expectativas dos docentes universitários em transição à aposentadoria acerca do processo de aposentadoria.

2. Quais os critérios para participar?

Você deve ter idade igual ou superior a 48 anos no caso das mulheres e 53 anos no caso dos homens e ser docente de um curso desta instituição.

3. O que acontecerá neste estudo?

A avaliação citada acima será realizada através de uma entrevista com duração aproximada de 20 minutos. O questionário, depois de respondido será lacrado em um envelope, sem identificação.

4. Quais as implicações em participar deste estudo?

Este Projeto não oferece qualquer tipo de risco para os participantes. A sua colaboração neste estudo poderá proporcionar, no âmbito pessoal e no âmbito coletivo, a compreensão dos aspectos emocionais e sociais, bem como das expectativas de professores de instituições federais no período de pré-aposentadoria.

5. Quais os inconvenientes em participar deste estudo?

Este projeto não acarretará gastos para você, nem haverá qualquer tipo de benefício financeiro para que você participe dele. Os Pesquisadores envolvidos também não serão remunerados.

6. Quais as garantias ao participar deste Estudo?

Suas informações serão tratadas confidencialmente e o consentimento, contendo seu nome, será arquivado independente do questionário. Os resultados poderão ser publicados, mas você não será identificado por nome.

7. Esclarecimentos.

Em caso de dúvidas você pode falar com qualquer um dos pesquisadores: Francisca Bezerra de Oliveira, pelo telefone (088) 97334447 e com o pesquisador José Rômulo Feitosa Nogueira, pelo tel.: (83) 3532-2000. Se houver dúvidas quanto aos seus direitos como participante contate o Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa do HUAC, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. Telefone: (83) 2101-5545.

CONSENTIMENTO

Eu (nome completo) _____,
RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo Pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Cajazeiras, _____ de _____ de 2013

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

ANEXO

DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL